

Demissão foi pensada

O ministro Paulo Haddad sempre afirmou que iria ignorar as indelicadezas do presidente Itamar Franco até o momento em que elas interferissem no seu trabalho. Foi assim que ele fugiu por dois meses do pavio curto que vitimou seu antecessor, Gustavo Krause. E foi por isso que ele engoliu no sábado mais um pito de Itamar.

Só se demitiu quando viu que o presidente não mudaria a lista de

diretores do Banco Central e do Banco do Brasil, selecionada à sua revelia.

A indelicadeza, neste caso, impediria o ministro de executar seu programa econômico, que exigia pessoas mais qualificadas para o cargo que as pretendidas pelo grupo palaciano.

A renúncia, portanto, foi um gesto racional, e não uma explosão de impaciência.